



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA E ARTES  
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

**BEATRIZ MARTINS BARROSO TORRES**

**DAENERYS TARGARYEN: REDEFINIÇÕES SUBVERSIVAS DA JORNADA  
HEROICA ENTRE PÁGINAS E TELAS**

Alagoinhas-BA  
2025

**BEATRIZ MARTINS BARROSO TORRES**

**DAENERYS TARGARYEN: REDEFINIÇÕES SUBVERSIVAS DA JORNADA  
HEROICA ENTRE PÁGINAS E TELAS**

Artigo apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, *Campus II*, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do grau de licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Barreto Júnior.

Alagoinhas-BA  
2025


BEATRIZ MARTINS BARROSO TORRES

**DAENERYS TARGARYEN: REDEFINIÇÕES SUBVERSIVAS DA JORNADA  
HEROICA ENTRE PÁGINAS E TELAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, *Campus*  
II. Da Universidade do Estado da Bahia, como requisito a  
obtenção do grau de licenciada.


Alagoinhas - BA, 31 de julho de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **MANOEL BARRETO JUNIOR**  
Data: 03/08/2025 12:46:59-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>


---

Prof. Dr. Manoel Barreto Júnior  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Documento assinado digitalmente  
 **EDNA SUZART DE ARAÚJO FERNANDES**  
Data: 04/08/2025 17:00:04-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Me. Edna Suzart de Araújo  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Documento assinado digitalmente  
 **RISONETE LIMA DE ALMEIDA**  
Data: 04/08/2025 15:40:25-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Risonete Lima de Almeida  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

## DAENERYS TARGARYEN: REDEFINIÇÕES SUBVERSIVAS DA JORNADA HEROICA ENTRE PÁGINAS E TELAS

*Beatriz Martins Barroso Torres<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este estudo se articula em analisar contextualmente aspectos da subversão do épico na saga *A song of ice and fire*, de George R. R. Martin (1996) e *Game of thrones*, de David Benioff e D.B Weiss (2011), com foco na redefinição da jornada heroica de Daenerys Targaryen, uma das principais personagens femininas das obras. Por este olhar, pretendemos explorar como a trajetória desta emblemática personagem desafia as convenções tradicionais da narrativa épica, de modo a abordar questões representativas de poder, identidade e moralidade, desenvolvidas tanto da obra literária como na sua adaptação para a série televisiva. Para isso, utilizamos a abordagem qualitativa, através da metodologia bibliográfico-documental. Um movimento que aciona os pressupostos teóricos a partir da obra Jornada do herói articulada por Campbell (2007), Vogler (2006) e da Jornada da heroína, abordada por Murdock (1990), apontamentos sobre a importância da subversão do monomito e suas implicações na representação de personagens mais humanos e realistas por Xavier (2015), por exemplo. Assim sendo, evidenciamos perspectivas comunicacionais de uma protagonista que emerge da ambiguidade cuja trajetória oscila entre o heroísmo e à tirania. Deste ponto, Daenerys Targaryen cria questionamentos e expectativas centradas na divisão clássica dos gêneros literários, sobretudo, a deslocar e ampliar o discurso estético das narrativas épicas contemporâneas.

**Palavras-chave:** *game of thrones*; *a song of ice and fire*; subversão do épico; jornada do herói; Daenerys Targaryen.

**ABSTRACT:** This study aims to contextually analyze aspects of the subversion of the epic genre in *A Song of Ice and Fire* by George R. R. Martin (1996) and *Game of Thrones* by David Benioff and D. B. Weiss (2011), focusing on the redefinition of the heroic journey of Daenerys Targaryen, one of the main female characters in both works. From this perspective, we intend to explore how the path of this emblematic character challenges the traditional conventions of epic narrative, addressing representative issues of power, identity, and morality, as developed in both the literary work and its television adaptation. For this purpose, we adopt a qualitative approach, employing a bibliographic-documentary methodology. This movement is grounded in the theoretical frameworks of the hero's journey as articulated by Joseph Campbell (2007), Vogler (2006) and the heroine's journey as discussed by Murdock (1990), and reflections on the importance of subverting the monomyth and its implications for the portrayal of more human and realistic characters by Xavier (2015), for example. Thus, communicational perspectives emerge from a protagonist shaped by ambiguity, whose trajectory fluctuates between heroism and tyranny. From this standpoint, Daenerys Targaryen raises questions and expectations rooted in the classical division of literary genres, particularly by displacing and expanding the aesthetic discourse of contemporary epic narratives.

**Keywords:** *game of thrones*; *a song of ice and fire*; subversion of epic; hero's journey; Daenerys Targaryen.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Linguística Literaturas e Artes – DLLARTES, Campus II da Universidade do Estado da Bahia – UNEB - e-mail: [bialu2903@gmail.com](mailto:bialu2903@gmail.com)

## Iniciando a jornada

O interesse para a escolha de Daenerys Targaryen como foco principal deste estudo surgiu da percepção sobre a complexidade da personagem, cuja trajetória desafia os tradicionais perfis heroicos e femininos das narrativas épicas. Ao longo da observação das transformações dessa figura, foi possível notar que sua jornada não apenas ressignifica a ideia de heroísmo, mas também propõe uma reflexão sobre questões de gênero, poder e moralidade.

Vale ressaltar também que o fenômeno cultural gerado pela obra literária *A song of ice and fire* (1996) e pela série televisiva derivada, *Game of thrones* (2011), sempre levanta curiosidades sobre o processo de criação da personagem. Nesse sentido, a série, com sua grande popularidade e sua adaptação visual impressionante, trouxe à tona discussões sobre como as personagens e suas jornadas são interpretadas quando transpostas de uma narrativa literária para uma audiovisual. Ao observar a Daenerys, tanto nas páginas quanto nas telas, percebemos um campo vasto para analisar como a criação e adaptação de uma personagem podem oferecer novos olhares sobre a construção do herói, especialmente no que diz respeito à representação feminina. A ideia de uma heroína que transcende os limites tradicionais e subverte o épico foi um dos pontos centrais de nossa motivação para investigar esse tema.

De tal modo, esta pesquisa busca compreender as redefinições subversivas da jornada heroica de Daenerys Targaryen, a Mãe dos Dragões<sup>2</sup>, uma das personagens centrais da série desenvolvida por David Benioff e D. B Weiss (2011) e da saga escrita por George R. R. Martin (1996). Sob esta ótica, a narrativa épica, tradicionalmente associada à Jornada do herói e à idealização do heroísmo, passa por uma desconstrução significativa nessas obras, criando um campo fértil para a reinterpretação dos modelos clássicos de heróis.

*A song of ice and fire* é uma saga de cinco livros que foi escrita por George R.R Martin, um autor estadunidense reconhecido por reinterpretar os códigos do gênero de fantasia, caracterizando-se por uma escrita complexa e realista, na qual questões políticas, morais e de poder permeiam a narrativa. A saga, iniciada em 1996, já se

---

<sup>2</sup> Alcinha dada a personagem Daenerys Tagaryen, a partir do momento em que ela ressurgiu das cinzas da pira de seu marido com três dragões recém-nascidos nos braços.

consolidou como um marco da literatura contemporânea, e sua adaptação para a televisão, estreou em 2011 e expandiu ainda mais sua influência cultural, atraindo uma audiência global a cada temporada.

Dentro desse cenário, a personagem Targaryen, inicialmente uma jovem princesa exilada, evolui ao longo da trama para uma figura com cada vez mais importância, podendo ser considerada até maior que a própria obra que a tem.

Por este olhar, propomos aqui uma análise da evolução dessa personagem, que parte de uma posição de subordinação e vulnerabilidade, e, ao longo da narrativa, transforma-se em uma figura poderosa e ambígua ao mesmo tempo. Essa transformação, que envolve tanto aspectos heroicos quanto tirânicos, desafia as expectativas do público sobre os papéis tradicionais atribuídos às heroínas. Em vez de seguir o modelo clássico, a Mãe dos Dragões, representa um novo tipo de jornada, marcada por dilemas mais complexos do que se esperaria inicialmente. Nesse sentido, essa abordagem permite leituras contextuais e humanizantes do conceito de heroísmo, de maneira a desafiar padrões estabelecidos tanto na literatura quanto na cultura pop<sup>3</sup>.

Sob tal perspectiva, a justificativa para este estudo repousa na necessidade de saber como as narrativas contemporâneas, exemplificadas por *Game of thrones* e *A song of ice and fire*, centrado na personagem Targaryen, reformulam o conceito de heroína. Dessa maneira, essas reformas visam não apenas tornar a jornada mais relevante para o público atual, mas também explorar a tensão entre os arquétipos e as representações de poder e transformação pessoal da personagem. Para tanto, articulamos as seguintes questões de pesquisa: Quais pontos da trajetória de Daenerys se identificam com os da conhecida Jornada do herói? E como a personagem subverte essa ideia de heroísmo?

Para tanto, o objetivo geral aqui é, portanto, entender de que maneira ocorre a redefinição de clichês heroicos através da Khaleesi<sup>4</sup>, tanto na série televisiva quanto na saga de livros. Para isso, a metodologia adotada será articulada pela abordagem qualitativa, através da metodologia bibliográfico-documental dividida nas seguintes etapas metodológicas: i) consistirá na leitura detalhada dos livros da saga, com foco

---

<sup>3</sup> O conceito de cultura pop aqui se estabelece em um conjunto de práticas, ideias, símbolos, imagens e fenômenos que são amplamente aceitos, consumidos e reproduzidos pelo grande público, especialmente através da mídia.

<sup>4</sup> Significa "rainha" (em língua fictícia da obra), e tal alcunha é adquirida por Daenerys no momento em que ela se casa com o líder do povo Dothraki.

nos dilemas internos da personagem; ii) essa fase envolverá a catalogação de excertos significativos dos livros, organizando-os por temas; iii) em seguida, será realizada uma análise contextual, levando em conta o comportamento e fluxo de consciência da personagem Daenerys Targaryen nas dinâmicas da trama, bem como da adaptação televisiva que será analisada como um documento audiovisual com cenas-chave que retratam a personagem e suas tomadas de decisões – entre causas e consequências que se articularão em todo enredo.

A partir do fluxo investigativo, será analisada como se caracteriza a “jornada heroica clássica”, a fim de entender as convenções narrativas associadas à personagem Daenerys Targaryen. De tal modo, a pesquisa também realizará uma análise comparativa da subversão do arquétipo do herói, com ênfase nas representações da Mãe dos Dragões, tanto na série quanto na saga, de modo a compreender como ela transita entre os limites do heroísmo.

### **O gênero épico e o monomito**

Em sua obra *Poética*, Aristóteles aborda o gênero épico como uma forma narrativa que compartilha semelhanças com a tragédia, mas com algumas diferenças importantes. O épico, assim como a tragédia, envolve uma grande ação, mas se distingue pela amplitude temporal e espacial, ou seja, esse gênero pode se estender por longos períodos e cobrir uma vasta gama de locais e eventos, muitas vezes, envolvendo várias gerações ou longas viagens.

Aristóteles destaca também que o épico envolve heróis de grande importância, cujas ações influenciam o destino de nações ou do mundo, ampliando a dimensão da história contada. Com isso, a estrutura desse gênero também é mais flexível e permite maior liberdade na organização dos eventos que contém enredo coerente com início, meio e fim. Nesse contexto, Silva e Ramalho (2007) enfatizam que em toda epopeia, há uma evolução do herói ao longo da narrativa. Esse processo implica que o protagonista se transforma de um simples ser humano em uma figura mítica. Essa metamorfose ocorre mesmo quando o herói carrega em sua linhagem uma herança de descendência heroica.

A partir dessa perspectiva da evolução do herói no gênero épico, Joseph Campbell (2007, p. 36) amplia a compreensão do percurso ao afirmar que *o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada*

*nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno*, os quais compõem a unidade nuclear do que ele denomina “monomito”, dividido em dezessete estágios além das três grandes fases que o autor cita. Influenciado pela psicanálise de Carl Gustav Jung, especialmente pelo conceito de arquétipos e do inconsciente coletivo, Campbell propõe uma estrutura simbólica universal que transcende culturas e épocas. Essa estrutura se revela especialmente potente quando aplicada às epopeias, nas quais o herói se distancia do mundo conhecido, enfrenta provações transformadoras e retorna renovado, agora dotado de saber ou poder capazes de beneficiar sua comunidade.

A *Partida* ou *Separação* de Campbell nada mais é do que a fase em que o herói inicia sua jornada, ou seja, quando ele recebe o Chamado à Aventura e se lança para fora de sua zona de conforto a fim de cumprir uma missão. Nessa fase, o herói pode recusar inicialmente esse chamado e seguir com sua vida cotidiana ou simplesmente aceitar de imediato o que lhe é destinado. Quando ocorre essa aceitação, o protagonista faz a *Travessia do Primeiro Limiar* e passa pelo *Ventre da Baleia*, onde ocorre a ruptura com o *Mundo Comum* e a transformação heroica inicial do personagem.

Em complemento, Christopher Vogler (2006) aponta a utilização desse tipo de padrão voltado para a televisão e para o cinema:

A maioria das histórias desloca o herói para fora do seu mundo ordinário, cotidiano, e o introduz em um Mundo Especial, novo e estranho. É a conhecida idéia do “peixe fora d’água”, que gerou inúmeros filmes e espetáculos de TV. Bom, mas se você vai mostrar alguém fora de seu ambiente costumeiro, primeiro vai ter que mostrá-lo nesse Mundo Comum para poder criar um contraste nítido com o estranho mundo novo e que ele vai entrar (Vogler, 2006, p. 53-54).

Após essas etapas, vem a fase da *Iniciação*, o momento em que o protagonista enfrenta um *Caminho de Provas* e passa por uma série de testes os quais ele deve sobreviver para prosseguir. Durante esse processo, o personagem pode vencer com alguma ajuda sobrenatural, amuleto ou poderes recém-descobertos.

Durante a jornada, o herói também precisa abandonar antigos valores e romper com o apego ao próprio ego – esse momento é simbolizado pelo encontro com uma figura paterna, chamado por Campbell de “Sintonia com o Pai”. É um passo difícil, que exige fé e confiança para seguir em frente. A partir daí, o herói passa pela *Apoteose*, uma transformação profunda em que ele alcança um novo nível de consciência. Com

isso, ele está pronto para conquistar a *Bênção Última*, a recompensa final da sua missão.

Depois, inicia-se a terceira fase da jornada: o *Retorno*. Nela, o protagonista pode resistir a voltar ao seu mundo comum, pois teme que sua experiência não seja compreendida ou aceita. Para isso, muitas vezes precisa de ajuda, o que Campbell chama de *Fuga Mágica e Resgate com Auxílio Externo* – formas de facilitar esse retorno. Ao voltar, ele traz consigo um conhecimento ou poder capaz de transformar sua sociedade. Nesse ponto, torna-se o *Senhor de Dois Mundos*, pois é capaz de transitar entre o mundo comum e o mundo extraordinário. Por fim, atinge a *Liberdade para Viver*, superando o medo da morte e vivendo plenamente, guiado pelos valores e aprendizados adquiridos na jornada.

Essa leitura complementa a visão aristotélica ao destacar não apenas a grandeza dos feitos, mas sobretudo o processo de transformação interior que legitima a figura heroica.

Já sob o olhar acerca do gênero épico na contemporaneidade, Silva e Ramalho (2007) destacam que, apesar das transformações significativas na configuração da identidade do herói ao longo da tradição épica ocidental, essas mudanças não comprometem sua essência. Isso porque a dualidade estrutural da jornada heroica, que abrange tanto os aspectos históricos quanto os maravilhosos, permanece preservada. Isso significa que, mesmo com a complexificação psicológica, a relativização dos valores morais absolutos e a fragmentação das narrativas, o herói épico contemporâneo ainda cumpre uma função simbólica essencial: ele transita entre o mundo real e o imaginário, entre o individual e o coletivo, encarnando conflitos e aspirações de seu tempo. Assim, o épico moderno preserva seu caráter grandioso e arquetípico, ainda que ressignifique os elementos tradicionais.

### **Arquétipos femininos no gênero épico**

Outro ponto importante de ressaltar acerca do gênero épico convencional, é que o arquétipo feminino aparece, majoritariamente, em papéis secundários ou complementares à trajetória do herói. As mulheres deste tipo de narrativa raramente ocupam o centro da ação heroica — em vez disso, costumam representar funções simbólicas ligadas ao cuidado, à tentação, à inspiração ou ao sagrado.

Nesse viés, Campbell (2007) cita a participação feminina em sua estrutura do monomito como a que funciona como arquétipo de apoio ao personagem principal e masculino. Nesse caso, a mulher frequentemente costuma ocupar figuras como: A Mãe (símbolo de proteção ou origem), A Donzela (responsável pela ação do herói), A Aliada (companheira do herói durante sua jornada), A Deusa (representa o amor ideal ou o desejo carnal).

O encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói é dotado para receber a benção do amor, que é a própria vida, aproveitada como invólucro da eternidade (Campbell, 2007, p. 119).

Esses papéis, embora importantes, geralmente reforçam a centralidade masculina na narrativa e mantêm a mulher como elemento passivo ou auxiliar, raramente como protagonista ativa. Essa estrutura evidencia uma lógica androcêntrica, na qual o homem é o centro da ação, da subjetividade e da existência, enquanto a mulher é colocada como acessório do percurso masculino.

Esse tratamento da mulher como figura secundária encontra eco na crítica de Simone de Beauvoir sobre os papéis atribuídos ao feminino na sociedade. Segundo a autora: *A mulher é sempre 'outro', ela é definida e diferenciada em relação ao homem, e não este em relação a ela; ela é o inessencial em face do essencial. Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro.* (Beauvoir, 1980, p. 20). Assim, a presença feminina no monomito serve, muitas vezes, para confirmar a condição do herói como sujeito absoluto, reafirmando a mulher como espelho, guia espiritual ou obstáculo, mas nunca como agente pleno de sua própria jornada.

Dentro desse cenário, é válido compreender aqui também a abordagem Jornada da heroína, desenvolvida pela pesquisadora Maureen Murdock (1990). Em contraponto à estrutura do monomito, *a pesquisadora considera a Jornada da heroína um movimento em que as mulheres se esforçam para abraçar plenamente a natureza feminina, aprendendo a se valorizar e a curar a ferida profunda inerente às mulheres.* (Vecchiolla, 2018, p. 102). Portanto, a Jornada da heroína foi criada devido a sensação de que as mulheres não eram inteiramente contempladas pela estrutura de Campbell (2007).

Tendo isso em vista, a Jornada da heroína começa com a rejeição dos valores femininos e a identificação com o masculino, buscando sucesso em um mundo regido

por esses princípios. No entanto, essa realização se revela insatisfatória, levando a protagonista a uma descida simbólica ao inconsciente, onde enfrenta suas dores e sombras. A partir dessa crise, surge o desejo de se reconectar com o feminino e curar feridas antigas, especialmente a separação com a figura materna. Por fim, a heroína encontra equilíbrio entre as forças masculina e feminina dentro de si, emergindo mais íntegra e consciente de sua própria identidade.

Diante desse processo de busca por equilíbrio na Jornada da heroína, é possível observar que algumas personagens contemporâneas passam a romper com os padrões tradicionais do épico, protagonizar suas próprias jornadas heroicas e as subverter. Um exemplo marcante dessa subversão é Daenerys Targaryen, cuja trajetória reúne elementos do monomito, mas também dialoga com a estrutura proposta por Maureen Murdock (1990). Ao longo de sua narrativa, Daenerys enfrenta conflitos de identidade, rejeita papéis pré-estabelecidos e busca construir um caminho próprio, ressignificando, assim, os papéis femininos e as narrativas heroicas. A seguir, analisamos a construção dessa personagem e os modos pelos quais sua jornada desafia os limites tradicionais do épico.

### **Daenerys Targaryen: a emergência de uma heroína**

Estreada em abril de 2011 e finalizada em maio de 2019, a série estadunidense *Game of thrones* (GoT)<sup>5</sup>, possui 8 temporadas compostas por entre 6 e 10 episódios, cada um com duração aproximada de 55 minutos a 1 hora. Classificada com a censura TV *Mature audience*, a produção é considerada inadequada para menores de 18 anos. Entre os motivos apontados estão a presença de linguagem imprópria, cenas de nudez explícita e violência. GoT também se destaca pelo uso de grandes planos cinematográficos e imagens visualmente impressionantes, reflexo dos elevados investimentos realizados pela HBO para dar vida ao vasto universo criado por George R. R. Martin.

Nesse sentido, Martin (2013, p. 4) aponta que transformar um livro em série ou filme é uma das tarefas mais desafiadoras em Hollywood, justamente porque o romancista possui técnicas narrativas que não estão ao alcance dos roteiristas. Entre esses recursos estão os diálogos internos, as mudanças de narrador, os diferentes

---

<sup>5</sup> A partir de agora usaremos a abreviação GoT para se referir a séria televisiva *Game of thrones*.

pontos de vista e os *flashbacks*. Para o estudioso, a literatura permite ao leitor entrar na mente dos personagens, acompanhar seus pensamentos e enxergar o mundo por suas perspectivas. Já a linguagem audiovisual, por depender da câmera, limita-se a uma visão externa em vez de interna. Essa limitação evidencia que adaptações para o cinema ou TV frequentemente precisam reformular ou suprimir camadas psicológicas profundas dos personagens, o que pode comprometer a complexidade deles.

Devido tal reflexão, pensamos pertinente incluir pontos dos livros em complemento à análise da série, a fim de não deixar de lado as questões do fluxo de consciência da heroína foco desta pesquisa.

Antes de iniciar as explicações sobre a Mãe dos Dragões, é importante contextualizar sobre o universo fictício em que a história dela se passa. O centro da narrativa são os *Sete Reinos* (no sul do continente *Westeros*), onde *Porto Real* é a capital poderosa e onde fica localizado o disputado *Trono de Ferro*,<sup>6</sup>(símbolo da série). Ao norte do continente, fica o limite dos reinos, a *Muralha* de gelo<sup>7</sup>, guardada pela Patrulha da Noite, homens responsáveis por proteger o reino dos homens de grandes ameaças que podem surgir para além da *Muralha*.

Já do outro lado do *Mar Estreito*, localiza-se o continente de *Essos*, e é nele que conhecemos Daenerys Targaryen ou Dany e a vemos iniciar sua jornada (figura 1).

Os Targaryen são 'Sangue do Dragão', descendentes da Velha Valíria, um antigo e poderoso reino que governou Essos por cinco mil anos. Sua verdadeira origem se perdeu no tempo, mas os primeiros valirianos eram, supostamente, uma comunidade de pastores, cuidando de seus rebanhos em uma pequena península de Essos. Isso mudou para sempre quando fizeram uma descoberta surpreendente. Dentro de uma área vulcânica conhecida como as Catorze Chamas, eles descobriram criaturas monstruosas e escamosas, com garras afiadas, asas enormes e um sopro flamejante: dragões (Cogman, 2012, p. 152)<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Trono forjado com fogo de dragão, que derreteu milhares de espadas dos inimigos derrotados de Aegon I Targaryen.

<sup>7</sup> Barreira construída há muitos séculos para proteger a fronteira norte dos Sete Reinos e os separar dos selvagens *Para-lá-da-Muralha* e dos *Outros*.

<sup>8</sup> (Tradução nossa 2025).

**Figura 1-** Daenerys Targaryen



**Fonte:** *Game of Thrones*, 2011, T1 E1 (00:33:26)

Vivendo temporariamente em uma das *Cidades livres* do continente, *Pentos*, a jovem acompanha seu irmão mais velho, Viserys II, nos meios para retornar ao sul de *Westeros*, onde nasceram, e tomar o *Trono de Ferro*, que por cerca de 300 anos pertenceu à casa Targaryen. O governo dos *Sete Reinos* ficou sob tal domínio até a *Rebelião de Robert*, quando o pai de Daenerys e Viserys foi morto diante do Trono por Jaime Lannister, da *Guarda Real* na época. Depois disso, o assento de espadas foi ocupado pelo rei Robert Baratheon, e permaneceu com ele ao longo da primeira temporada da série e primeiro livro. Os irmãos Targaryen fugiram de *Porto Real* após a queda do pai, Aerys II, conhecido como Rei louco.

Desde então, os jovens passaram a viver como refugiados em várias cidades livres até chegar na mansão de Illyrio Mopatis, um homem rico e influente da cidade de *Pentos*. O nobre torna-se, então, um dos primeiros aliados importantes dos irmãos.

Graças a Illyrio, inclusive, que Daenerys encontra o seu Chamado à Aventura (Campbell, 2007). Isso se dá porque Mopatis organiza um casamento forçado com o líder do povo *Dothraki*,<sup>9</sup> Khal Drogo, esperando que Viserys receba em troca um exército forte o suficiente para recuperar o *Trono de Ferro*. Usada como uma espécie de moeda de troca, Daenerys se sente acuada e desolada por estar seguindo um rumo que não gostaria, mas não oferece nenhuma resistência ao casamento, visto que seu irmão assegura que tornar-se Khaleesi é um ótimo caminho para reconquistar os *Sete Reinos*. No entanto, tudo que ela deseja é voltar para casa, e com isso, não

---

<sup>9</sup> Povo de cultura guerreira, que monta cavalos e habita as vastas terras de Essos.

se refere ao lugar onde nasceu, mas sim a uma específica residência da *Porta Vermelha*.

A construção fica em mais uma das *Cidades Livres (Braavos)*, onde a jovem morou temporariamente na infância, e foi o mais próximo de um lar que a Targaryen conheceu, como é citado em *A Guerra dos tronos, tudo o que Daenerys queria de volta era a grande casa da porta vermelha com o limoeiro em frente da janela do seu quarto, a infância que nunca conhecera*. (Martin, 2015, p. 25)

Apesar da aparente passividade, o momento em que deixa a mansão de Illyrio marca o início de sua jornada transformadora. O casamento com Drogo, ainda que imposto, é o ponto de inflexão que a leva a uma nova realidade social, cultural e emocional. A partir dessa união, Daenerys começa a adquirir autonomia, força simbólica e conexão com um povo que, inicialmente estranho, torna-se parte essencial de sua identidade em formação. O Chamado à Aventura, portanto, não apenas a desloca geograficamente, mas também a empurra para um processo de reconstrução pessoal e narrativa, no qual a personagem deixa de ser objeto de troca para tornar-se, gradualmente, protagonista da própria trajetória heroica.

### **Fênix entre as Chamas: ascensão ao poder**

Após assistir a morte de Viserys pelas mãos do marido, um dos momentos mais marcantes em que a Khaleesi demonstra autonomia, ocorre quando presencia um dos ataques do *khalasar dothraki*<sup>10</sup> à aldeia pacífica de *Lhazar*, cujos moradores são conhecidos como *Homens-Cordeiro*. Ela não consegue se sentir confortável com a violência empregada no saque dessas terras, que inclui mortes, escravidão e abusos. Mesmo grávida, ao ver uma das mulheres locais — Mirri Maz Duur, uma curandeira e feiticeira — sendo violentada, Daenerys decide agir, de modo a se colocar à frente e ordenar o fim do ataque, (figura 2). Na medida em que também exige que todas as mulheres lhazareenas sejam entregues à sua custódia, a fim de protegê-las.

O problema, para ela, é que um dos guerreiros de seu marido se revolta contra essa atitude, e, por conta disso, Khal Drogo o desafia para um combate. Drogo consegue derrotá-lo, mas leva um pequeno corte no peito com o *arakh*<sup>11</sup> do

---

<sup>10</sup> Tribo liderada por um Khal (líder, comandante).

<sup>11</sup> Arma de desenho curvo e pontiagudo, muito usada pelos guerreiros Dothraki.

adversário. É nesse momento que a feiticeira resgatada por Daenerys se oferece para cuidar do ferimento, e Drogo aceita a proposta, a pedido da esposa em súplica.

**Figura 2-** Daenerys em Lhazar



**Fonte:** *Game of Thrones*, 2011, T1E8 (00:27:18)

Após os cuidados de Mirri Maz Duur com o ferimento de Khal Drogo, a chaga infecciona, e ele adoece a ponto de cair do cavalo — um sinal de fraqueza inaceitável para o povo *Dothraki*. Diante da gravidade da situação, Mirri afirma que ainda pode salvá-lo, mas para isso seria necessário realizar um sacrifício de sangue. Assim, o cavalo de Drogo, então, é morto como parte do ritual mágico proposto pela feiticeira.

Confrontada novamente por estar permitindo o uso de feitiçaria, Daenerys entra em trabalho de parto e é levada às pressas pelo cavaleiro Sor Jorah Mormont até a tenda onde Mirri realiza a cerimônia de sangue. A atmosfera é tensa e carregada de presságios, pois a magia de sangue, embora poderosa, é conhecida por seu alto custo. A Khaleesi percebe o alto preço que pagou ao despertar e descobrir que seu marido havia sido reduzido a um estado vegetativo, sem consciência, e que seu filho nascera morto — deformado, com o corpo coberto por estranhas escamas, como descreveu Mirri Maz Duur.

Diante dessa revelação, Daenerys se vê em uma situação devastadora, ainda mais dolorosa ao compreender que a feiticeira jamais teve a intenção de salvar sua família, mas sim de se vingar pelo sofrimento e os abusos que ela e seu povo sofreram durante o ataque ao vilarejo. Em meio a tudo isso, no livro, a jovem passa a repetir mentalmente um de seus mantras mais emblemáticos: *Escuridão, pensou Dany. A terrível escuridão que vinha por trás para devorá-la. Se olhasse para trás, estaria*

*perdida* (Martin, 2015, p. 531). Ela repete isso em momentos de grande dor e transformação, não só quando deixa de ser mãe e esposa, mas em outros períodos da narrativa.

Com esse pensamento, Daenerys põe fim ao sofrimento de Khal Drogo ao sufocá-lo com um travesseiro. Em seguida, veste-se cerimonialmente e sentencia Mirri Maz Duur à pira funerária como forma de punição. Sobre o corpo do marido, empilha os ovos de dragão petrificados que havia recebido como presente de casamento. Porém, antes de atear fogo à pira, ela se vira para o que restou do seu *khalasar* e faz um dos discursos mais significativos de GoT, afirma-se Daenerys *Stormborn*<sup>12</sup>, da Casa Targaryen, do sangue da antiga *Valíria* e filha do Dragão. Também jura que irá proteger aqueles que decidirem ficar ao seu lado mesmo ela não sendo um homem forte como Drogo.

Assim, Khaleesi entra no meio das chamas da pira e lá fica até o fogo cessar e destruir tudo. Quando as cinzas se dissipam, ela ressurge intacta — exceto pela ausência de roupas e, segundo o primeiro livro, também de seus cabelos. Como se sair viva das chamas já não fosse algo surpreendente o suficiente, todos se chocam ainda mais quando ela revela em seus braços três dragões bebês, nascidos após o longo período de extinção da espécie (figura 3).

A imagem final da primeira temporada de *Game of Thrones* é uma das mais desarmantes e poderosas: Daenerys Targaryen emerge ilesa das chamas da pira funerária fumegante de Khal Drogo — e permanece nua diante de seus recém-nascidos dragões enrolados ao seu redor, seus gritos ecoando pela paisagem do deserto, anunciando uma nova era (Cogman, 2012, p. 176)<sup>13</sup>.

A descrição dessa cena no final do livro 1 destaca também o nascimento de Daenerys enquanto Mãe de Dragões e heroína de sua própria história, além de mencionar o quão mágico foi toda cena, principalmente no trecho que diz: [...] e *pela primeira vez em centenas de anos a noite ganhou vida com a música dos dragões* (Martin, 2015, p. 565).

---

<sup>12</sup> Significa nascida da Tormenta, devido a grande tempestade que ocorreu no dia do nascimento de Daenerys.

<sup>13</sup> (Tradução nossa 2025).

**Figura 3-** Nascimento dos dragões



**Fonte:** *Game of Thrones*, 2011, T1E10 (00:51:13)

No contexto da Jornada do herói (Campbell, 2007), esse episódio pode ser interpretado como a transição entre os estágios iniciais do Chamado à Aventura e a fase da iniciação, especialmente o momento conhecido como provação, morte simbólica ou descida ao mundo desconhecido. No modelo de Campbell, esta etapa envolve encontros com mentores, enfrentamentos de provações e inimigos, culminando na provação suprema, um momento de crise transformadora, geralmente próximo à morte, após o qual o herói não volta a ser o mesmo.

Daenerys, ao entrar na pira funerária de Khal Drogo, realiza um ato de extrema coragem e autossacrifício. Não se trata de um gesto desesperado, mas de uma escolha consciente e estratégica, cujo resultado redefine completamente sua posição na narrativa. A donzela vendida como moeda de troca política assume o controle de sua jornada e dos símbolos de poder mais antigos de sua linhagem: os dragões. Aqui, há uma ruptura explícita com o arquétipo clássico da donzela passiva, que espera ser resgatada ou conduzida por figuras masculinas. Em vez disso, Daenerys se torna agente ativa de sua transformação, subvertendo o papel tradicionalmente reservado às mulheres.

Esse gesto pode ser interpretado como um ato de desconstrução das normas de gênero convencionais. Longe de negar sua identidade feminina, a personagem reinscreve o que significa ser mulher dentro da narrativa épica e patriarcal. Nesse sentido, o pensamento de Judith Butler oferece uma importante chave de leitura. Para a autora: *Desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo, como sujeito, a uma reutilização e uma*

*redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas* (Butler, 1998, p. 24). Ou seja, a desconstrução do sujeito não implica seu apagamento, mas sua reconfiguração dentro de novas possibilidades de existência e representação.

Assim, Daenerys não apenas rejeita o lugar de subordinação que lhe foi imposto, mas também inaugura novas formas de protagonismo feminino no universo da narrativa. Sua transformação não é só pessoal, mas política, pois reabre os sentidos do que pode ser uma mulher heroína, soberana e agente de mudança. Trata-se, portanto, de uma subversão que não elimina o sujeito mulher, mas o reinventa, conforme propõe a crítica feminista pós-estruturalista e pós-modernista.

Esse momento também pode ser analisado à luz de Murdock (1990), a qual enfatiza a reconciliação com o feminino negado e a integração de forças internas em vez da conquista externa. Ao contrário da trajetória heroica convencional— marcada por conquistas, separações e glórias exteriores —, a Jornada da heroína envolve uma travessia íntima, emocional e espiritual. O renascimento de Daenerys entre as chamas e o surgimento dos dragões simbolizam a união entre poder, instinto, maternidade e força interior. Ela não apenas sobrevive a tal provação, mas ressurgue com uma nova identidade, que incorpora aspectos do feminino sagrado e do poder ancestral que lhe fora negado. A partir desse ponto, observamos que a Targaryen passa a comandar o próprio destino, pensar em reconquistar *Westeros* e tornar-se rainha legítima do *Trono de Ferro* – desejo que pertencia ao seu irmão Viserys no início da narrativa.

Agora o herói se torna, plenamente, uma parte do Cosmos, morrendo para a velha visão limitada das coisas e renascendo para uma nova consciência de conexões. Os antigos limites do “Eu” foram ultrapassados ou aniquilados (Vogler, 2006, p. 251).

### **Protagonismo e ambiguidade: a rainha que liberta e conquista**

Mais provações são postas no caminho da jovem. Durante a parte inicial do livro dois, *A Fúria dos reis* (Martin, 2015), e da segunda temporada de *GoT* (Weiss, Benioff, 2012), Daenerys continua seguindo uma longa travessia, com sua égua prateada, pelo *Deserto Vermelho* (*Red Waste*), um local bastante árido e implacável que fica localizado a sudeste do Mar *Dothraki*. Durante o trajeto, várias pessoas da comitiva morrem de sede, fome e doenças, o que reduz ainda mais a quantidade de seguidores da *Khaleesi*, até finalmente alcançarem a cidade de *Qarth*, onde ela busca abrigo e apoio.

Em *Qarth*, a Mãe dos Dragões é recebida com curiosidade e interesse político. Entre as figuras influentes que conhece estão Xaro Xhoan Daxos, um rico comerciante que a propõe casamento em troca de aliança, e Pyat Pree, um mago que a conduz à enigmática *Casa dos Imortais*<sup>14</sup>. Prometendo revelações sobre seu destino, Pyat Pree, na verdade, planeja aprisioná-la para explorar o poder de seus dragões. Lá, Daenerys tem visões simbólicas relacionadas ao passado, presente e futuro — uma tentativa dos *Imortais*<sup>15</sup>, de seduzi-la e absorver sua essência mágica. No entanto, ela consegue escapar quando Drogon, um de seus dragões, incendeia o local e a salva.

Após sobreviver às ameaças da cidade, a Targaryen pune os que tentaram manipulá-la. Entre eles está justamente Xaro, cuja mansão ela saqueia, com o apoio de seus aliados, e utiliza os bens roubados para financiar a compra de navios e, assim, dar início à sua jornada rumo a *Westeros*.

Junto aos seus seguidores, a bordo dos navios *Meraxes*, *Vhagar* e *Balerion*<sup>16</sup>, Daenerys faz paradas em pontos estratégicos da Baía dos Escravos<sup>17</sup>, em *Essos*, com o objetivo de reunir exércitos e suprimentos para fortalecer sua causa antes de partir para o desafio final: a disputa pelo *Trono de Ferro*. Sua jornada tem início com a ancoragem na cidade de *Astapor*, onde inicia uma negociação com o traficante de escravos Kraznys mo Nakloz para adquirir um exército de *Imaculados*<sup>18</sup>. Convencido de que a jovem estrangeira não compreende seu idioma, o *Alto Valiriano*, Kraznys insulta Daenerys repetidamente, utilizando a escrava Missandei como tradutora e suavizando suas palavras.

Durante a negociação, o espectador é surpreendido pelo plano estratégico da Targaryen, que finge aceitar entregar um de seus dragões em troca do exército. No entanto, no momento decisivo, Daenerys revela sua fluência em *Alto Valiriano* e toma o controle da situação: com um comando direto aos *Imaculados*, ordena o extermínio de todos os mestres e carrascos de escravos da cidade. Ela também usa seu dragão Drogon para queimar o lugar (figura 4) e destruir um sistema que repudia, desafiando as expectativas e iniciando sua campanha libertadora com um gesto de força.

---

<sup>14</sup> Templo frequentado pelos magos e feiticeiros da cidade.

<sup>15</sup> Feiticeiros antigos, de aspecto cadavérico, que vivem na Casa dos Imortais.

<sup>16</sup> Nomes de dragões antigos que Daenerys dá aos seus navios como símbolo de força.

<sup>17</sup> Grande centro de compra e venda de escravos do mundo conhecido.

<sup>18</sup> Força militar formada apenas de soldados eunucos.

**Figura 4 - Saque de Astapor**



**Fonte:** *Game of Thrones*, 2013, T3E04 (00:49:00)

A partir de então, abastecida com um exército, a Mãe dos Dragões inicia sua campanha contra a ordem escravocrata em toda a Baía dos Escravos. Seu próximo alvo é a cidade de *Yunkai*, onde vivem mais de duzentos mil escravizados.

Após conhecer e negociar com os grupos de mercenários da região, Daenerys se aproveita da visão que tais homens têm sobre mulheres e se faz de ingênua ao afirmar: *É verdade que sou apenas uma garotinha, e não conheço as coisas da guerra* (Martin, 2015, p. 417). Essa frase exemplifica sua habilidade em utilizar a juventude e o gênero como ferramentas retóricas para desarmar seus oponentes e afirmar sua autoridade. Dessa forma, posteriormente, ela consegue o apoio de mais um aliado, o comandante do grupo *Segundos Filhos*, Daario Naharis e logo planeja mais um plano de conquista.

Novamente demonstrando sua habilidade como estrategista, e com o auxílio de seus conselheiros, a Khaleesi contorna habilmente os trâmites da batalha ao enganar e surpreender os mestres, capitães e soldados da cidade com seu recém-adquirido exército. Ao vencer mais esse desafio, os escravizados de *Yunkai* foram libertos — ainda que os mestres tenham permanecido no poder — e consolidaram a reputação da Targaryen como *Mhysa* (mãe).

Desde que essa cena final do episódio 10 da terceira temporada de GoT foi ao ar em 2013, muitos críticos de TV trouxeram a discussão acerca da imagem de Daenerys como uma possível “Salvadora Branca” ou “*White Lady Jesus*” e a perspectiva de que a cena em que os escravos a erguem nos braços em gratidão foi um clichê racista onde uma garota branca chega para salvar o dia dos escravos de

pele escura. Diante de tais discussões, o autor dos livros se posicionou dizendo que em sua obra escrita não há componente racial algum e que as características dos escravos são bem diversas. Já sobre a cena da série, em Alves (2013), ele explica:

No entanto, quando você está filmando cenas no Marrocos, e você divulga uma chamada para figurantes, são marroquinos que irão aparecer. A maioria deles tem a pele mais escura do que os nossos atores europeus (embora haja realmente diferentes raças e grupos étnicos representados no país, incluindo os árabes, berberes, africanos, franceses, etc). Não é tão diferente de filmar uma cena em Belfast e colocar uma chamada para figurantes, e um monte de irlandeses aparecerem (Martin, 2013).

Assim, essa cena representa um marco na trajetória de Daenerys, a evidenciar sua liderança e o papel de esperança para os escravizados de *Yunkai*. Ao mesmo tempo, as diferentes interpretações surgidas a partir da representação visual mostram como escolhas de adaptação podem influenciar a percepção do público, de modo a revelar a complexidade que envolve a construção de imagens em obras audiovisuais. Logo, como observa Mattos, *a mensagem final, assim, em grande parte, passa a ser fruto da construção do receptor, em sintonia com o contexto de recepção em que é comunicada, pendente das experiências individuais e coletivas daquele que recebe* (Mattos 2018, p. 272-273). Ou seja, a interpretação de uma mesma cena pode variar conforme o olhar e o contexto do espectador, ressaltando que o significado da narrativa não é fixo, mas construído em diálogo com o público.

Após a conquista de *Yunkai* e a consagração de Daenerys como *Mhysa*, o próximo passo de sua campanha no continente de *Essos* a leva a *Meereen* — a mais poderosa e fortificada das cidades escravagistas da Baía dos Escravos. Diferente das anteriores, *Meereen* apresenta obstáculos mais complexos e resistências mais organizadas, exigindo da Targaryen não apenas força militar, mas também estratégias políticas mais refinadas. É nesse novo cenário que a personagem se depara com os limites de seu ideal libertador e com as contradições de sua própria imagem como redentora, enquanto lida com as consequências sociais, políticas e éticas de suas escolhas.

Ao tomar a nova cidade, Daenerys se depara com um gesto brutal dos mestres: 163 crianças escravizadas foram crucificadas ao longo da estrada como aviso à sua aproximação. Como resposta, ela ordena a crucificação de exatos 163 mestres da cidade, em um ato simbólico de justiça retributiva. A cena marca um momento

significativo de tensão entre justiça e vingança, revelando a dureza de suas decisões frente à crueldade do sistema escravagista. Com isso, embora alguns ainda a enxerguem como libertadora, a relação dela com os libertos torna-se mais ambígua, à medida que sua figura passa a ser contestada por diferentes grupos e a imagem da “mãe dos escravos” começa a ceder espaço a uma liderança marcada por conflitos internos, resistência e desafios cada vez mais intensos.

Consciente de que suas vitórias anteriores não garantiram a estabilidade das cidades libertadas, a Khaleesi decide não seguir imediatamente rumo a *Westeros*. Por conseguinte, ao saber que *Astapor* e *Yunkai* retornaram ao domínio dos mestres ou mergulharam em anarquia, ela opta por permanecer em *Meereen* com o objetivo de governar e consolidar a liberdade que havia prometido aos escravizados. Nesse sentido, sua fala *I will do what queens do. I will rule.* (Figura 5), no quinto episódio da quarta temporada de *GoT*, marca essa virada narrativa, na qual a figura da conquistadora cede lugar à tentativa de construir uma liderança legítima. A partir de então, essa decisão inaugura um novo arco dramático para ela, que passa a enfrentar as dificuldades da administração, os dilemas morais da justiça e os efeitos práticos de seu idealismo, colocando à prova sua capacidade de liderar uma cidade de forma duradoura.

**Figura 5** – O que as rainhas fazem



**Fonte:** *Game of Thrones*, 2014, T4E05 (00:10:03)

Dentre as dificuldades enfrentadas durante seu governo abolicionista, destaca-se a crise econômica que assola *Meereen*. No episódio dez da quarta temporada, durante uma de suas audiências públicas, um dos libertos suplica à jovem rainha que o deixe retornar à casa de seu antigo mestre, desejando viver novamente como

escravo. Tal pedido revela a ausência de um novo modelo econômico após a derrocada do sistema anterior e, sem alternativas de sustento, muitos libertos enfrentam a fome e a miséria.

Confrontada por esse dilema, Daenerys hesita em contrariar seus princípios de libertação, mas compreende que a verdadeira liberdade reside na possibilidade de escolha. Reconhecendo isso, ela permite que o ex-escravo retorne ao antigo mestre, desde que seja uma decisão voluntária e não imposta.

Esse episódio demonstra a complexidade prática de aplicar ideais revolucionários em contextos sociais profundamente enraizados em estruturas de opressão. Ao aceitar que nem todos os libertos conseguem, de imediato, usufruir dos benefícios da liberdade sem o suporte de uma base econômica e social sólida, Daenerys se depara com os limites de sua visão idealista. Assim, a cena revela não apenas os desafios do processo de transição pós-escravidão, mas também o amadurecimento político da personagem, que aprende que governar exige mais do que boas intenções, exige adaptação, escuta e compromisso com a realidade concreta daqueles a quem se deseja libertar.

Somando-se a esses desafios, surge a figura dos *Filhos da Harpia*, grupo contrário ao governo da Targaryen e responsável por atos de sabotagem e assassinatos que comprometem ainda mais a estabilidade da cidade. Diante desse problema, ela decide arranjar um casamento político com Hizdahr zo Loraq, um nobre descendente de mestres escravagistas, como forma de promover alguma paz e conseguir mais apoio dos cidadãos do lugar. Um conselho que seu novo marido dá é a reabertura das arenas de combate local como parte do acordo político dos dois e, embora Daenerys repudie a ideia por considerar essas arenas bárbaras, ela decide aceitá-la em prol da harmonia.

Durante uma festa concedida por Hizdahr para recepcionar seus convidados de *Yunkai* – que vieram para testemunhar a reabertura das arenas e selar a paz, a Mãe dos dragões age com muita gentileza com seus inimigos por fora, mas por dentro os conflitos e reflexões não param:

Odeio isso, pensou Daenerys Targaryen. Como isso aconteceu, eu aqui bebendo e sorrindo com homens que antes esfolaria? [...] Isso é paz, disse para si mesma. Era o que eu queria, pelo que trabalhei, o motivo pelo qual me casei com Hizdahr. Então por que tem gosto de derrota? (Martin, 2020, p. 535).

A citação evidencia a confusão interna de Daenerys entre sua identidade como libertadora e conquistadora, e as concessões políticas que precisa fazer para manter a ordem. Ao se ver cercada de antigos opressores, agora seus aliados diplomáticos, a personagem questiona os caminhos que a levaram até ali. Embora sua intenção fosse alcançar a paz, o custo emocional e moral dessa escolha revela-se alto. O gosto de derrota mencionado por ela demonstra a frustração de perceber que, para governar, muitas vezes é necessário abrir mão de ideais e agir de forma estratégica, mesmo que isso signifique conviver com aquilo que antes combatia.

Esse momento marca mais um ponto de virada em sua trajetória: o amadurecimento de uma líder que compreende que o exercício do poder exige não somente a firmeza de propósito, mas também uma constante negociação entre os princípios e a realidade. Aqui, a Provação (Campbell, 2007) não conduz diretamente à glória, mas à frustração e ao peso das escolhas. Dessa forma, a personagem se vê dilacerada entre o que acredita e o que precisa fazer, revelando os limites da figura heroica quando confrontada com as complexidades do poder real.

Além disso, pensamentos extremos, como quando ela admite que antes esfolaria os homens com quem agora negocia, mostram um impulso violento que contrasta com o herói clássico. Essa tensão crescente, somada à resistência da elite escravagista, aos ataques dos *Filhos da Harpia* e às pressões populares, posiciona Daenerys em um papel complexo. Suas ações passam a ser guiadas não apenas por ideais, afastando-a do arquétipo da heroína pura e inserindo-a em uma narrativa multifacetada.

### **A natureza dragão: entre cinzas**

Após certo período, quando os planos da protagonista para estabelecer a paz em *Meereen* acabam fracassando, ela é forçada a recorrer à força. Em um momento decisivo da narrativa de GoT, ela abandona a arena montada em Drogon, marcando a primeira vez em que voa em um de seus dragões. Esse evento destaca o rompimento com o caminho diplomático e também inaugura a nova fase de sua trajetória, marcada pela reafirmação de seu poder destrutivo. Posteriormente, ao demonstrar sua imunidade ao fogo e domínio sobre Drogon, Daenerys conquista um novo exército *Dothraki* sozinha, sem mediações políticas ou alianças tradicionais. Aqui, a heroína não é mais guiada só pela justiça ou compaixão, mas pelo fogo e pela

dominação e, assim, a vitória sobre seus inimigos em *Essos* é conquistada pela imposição de medo e demonstração de poder absoluto.

Por ser também a única personagem a possuir dragões — símbolos vivos de poder mágico e legitimidade ancestral — a Khaleesi não encontra grande resistência para reunir mais aliados em sua empreitada de reconquista. Sua imagem como figura messiânica e predestinada ao trono é reforçada tanto pelo mito que a cerca quanto pelos feitos extraordinários que realiza. Assim, a formação de uma imensa coalizão de exércitos e milhares de navios sob o estandarte do dragão vermelho em fundo negro marca o início de um retorno triunfante para sua terra natal (figura 6). Contudo, essa ascensão, que em outras narrativas épicas seria representada como o clímax heroico da jornada, carrega em *GoT* um tom ambíguo. A glória de Daenerys é cercada por uma aura de destruição iminente, e sua figura começa a oscilar entre o heroísmo e a tirania, o que contribui para a sua subversão como heroína redentora.

**Figura 6** – O Retorno triunfante



**Fonte:** *Game of Thrones*, 2016, T6E10 (01:07:56)

Essa volta da protagonista a *Westeros* representa, em termos estruturais, o terceiro estágio da Jornada do herói conforme proposto por Campbell, no qual o *herói retorna do estranho mundo das aventuras transcendentais com o poder de conceder benefícios à sua comunidade* (Campbell, 2007, p. 209). No entanto, a trajetória de Daenerys contraria esse ideal ao trazer de volta o poder acompanhado de uma ideologia de justiça absoluta moldada por traumas, perdas e conquistas violentas. Esse *Retorno*, embora carregado de promessas de libertação, é igualmente marcado

por uma escalada de autoritarismo, questionando o próprio propósito do “elixir” que o herói deveria oferecer à sociedade.

Assim que pisa nas terras do continente com seus aliados, na sétima temporada da série, a Mãe dos dragões ocupa o mesmo castelo em que nasceu, chamado de *Pedra do Dragão (Dragonstone)*, e lá inicia seus novos planejamentos de guerra para finalmente chegar ao *Trono de Ferro*. A partir disso, percebemos ao longo dos episódios que ela, apesar do grande desejo de governar como rainha dos *Sete reinos*, busca muito ser amada pela população do lugar, como aconteceu com muitos que libertou durante sua jornada em *Essos*. No entanto, a realidade que encontra é bem diferente: para muitos, ela é vista como uma estrangeira cuja chegada representa destruição e morte, com seus imensos dragões que despertam medo.

Todos esses fatores se agravam pelo fato de que a atual rainha, Cersei Lannister, espalha entre seus aliados discursos que reforçam a imagem de Daenerys como uma ameaça destruidora, antecipando as possíveis desgraças que ela causaria aos *Sete Reinos* para conquistar o *Trono de Ferro*. Dessa forma, ela passa a enfrentar batalhas externas e também uma crescente resistência política. À medida em que sofre perdas significativas em seus exércitos, sua fúria se intensifica, levando-a a ignorar os conselhos de seus aliados mais prudentes e optar por responder aos inimigos com fogo e sangue. Um exemplo marcante dessa virada ocorre no quinto episódio da sétima temporada (figura 7), quando ela exige que os soldados derrotados se ajoelhem e jurem lealdade. Diante da recusa, a Targaryen não hesita e ordena que sejam queimados vivos por seu dragão, reduzindo-os a cinzas.

**Figura 7** – Sentença de morte



**Fonte:** *Game of Thrones*, 2017, T7E05 (00:04:42)

Ao considerar esses acontecimentos, é possível retomarmos o quinto livro da saga, *A Dança dos dragões* (Martin, 2020), em que a personagem passa por intensas reflexões sobre quem é e quem precisa ser. Ela procura seguir o caminho que considera justo e melhor para todos ao seu redor, tentando equilibrar a força com a responsabilidade. No entanto, pensamentos sobre abandonar a diplomacia e abraçar de vez seu “lado dragão” retornam constantemente — seja em sonhos, delírios, visões ou mesmo de forma consciente. Esses momentos revelam uma personagem em transformação, marcada por tensões entre razão e impulso, idealismo e instinto.

A construção da subjetividade da protagonista nesse livro revela uma figura em processo de redescoberta. Em seu capítulo final, isolada de seus conselheiros, longe de *Meereen* e do poder que exercia, ela começa a questionar suas escolhas, valores e até mesmo a imagem que construiu de si mesma.

Entre a soberana benevolente e a herdeira de uma linhagem marcada por fogo e destruição, Daenerys sente sua identidade se fragmentar. Nesse viés, como aponta o texto sobre O fluxo de consciência, de Sousa (2008): *O sujeito encontra-se consigo próprio a ponto de descobrir que está vivendo uma identidade diferente do que é na verdade. A identidade é o próprio inconsciente desordenado, sem definição* (p. 148-149). Dentro dessa lógica, os delírios, sonhos e reflexões da personagem fazem emergir vozes que desafiam sua razão, revelando a subjetividade marcada por impulsos contraditórios e pela sensação de que talvez ela não deva — ou não esteja realmente destinada a — ser a rainha justa e distante da figura do pai que tanto se esforçou para representar, mas sim algo mais instintivo, feroz e ancestral.

À luz disso, as decisões posteriores da Khaleesi na série passam a se basear cada vez mais na imposição da força, ainda que ela mantenha traços de sua postura diplomática, buscando o diálogo antes de formalizar acordos políticos. Um exemplo marcante ocorre quando negocia uma trégua com Cersei Lannister e outros inimigos de *Westeros*, em nome de um bem maior: unir forças para salvar os reinos da ameaça representada pelos *Outros*, liderados pela figura sobrenatural do *Rei da Noite*, cujo objetivo é aniquilar a humanidade. Além disso, ela também acata a ideia de Jon Snow — seu par romântico, nesse momento da narrativa — de não seguir para o Norte montada no dragão, pois isso assustaria o povo da região. Logo, é possível notarmos que a essência empática da heroína ainda se faz presente, principalmente quando ela adia sua grande luta pelo trono para ajudar na guerra contra os *Mortos*.

Justamente por reconhecermos a presença dessa essência em várias cenas e falas, tal qual: **Não estou aqui para ser rainha das cinzas** e, de certa forma, acreditarmos que a personagem não tenderia para a escuridão de seu Lado Dragão, que o desfecho de Daenerys em GoT torna-se tão chocante, amargo e subversivo ao público. Isso se dá especialmente ao considerarmos a forma simplificada com que a série resolve arcos e conflitos tão complexos e ambíguos quanto o dela. Assim, no episódio cinco da oitava e última temporada, testemunhamos o completo abraço da protagonista ao lema de sua casa: *Fogo e Sangue* (figura 8), e a completa redefinição da heroína.

Os eventos apresentados nos seis episódios finais da narrativa procuram justificar a virada brusca da Targaryen, que passa de uma personagem cinza para uma vilã sucumbida pela loucura de seu pai. Esses elementos incluem suas desilusões, a falta de amor do povo, traições, perda de dois dragões (Rhaegal e Viserion) e de pessoas importantes que sempre estiveram ao seu lado antes de sua volta ao lugar de origem.

Em razão disso, a protagonista não vê mais razões para seguir com o lado empático e que sempre pensou no bem das pessoas que viveriam sob seu governo. Ela age de forma totalmente contrária ao que o herói de Campbell ou a heroína de Murdock agiria, e assim cruza um caminho que não há retorno.

**Figura 8** – Destruição de Porto Real



Fonte: *Game of Thrones*, 2019, T8E05 (00:44:37)

Ao abandonar o ideal da rainha justa e ceder por completo à força destrutiva que sempre a rondou, a personagem rompe com as normas do arquétipo heroico e assume uma forma narrativa que desafia as expectativas. Trata-se, portanto, de uma construção que transita entre os limites do heroísmo clássico e convida à reflexão sobre como figuras centrais em grandes narrativas podem ser moldadas por falhas e decisões irreversíveis. É nesse ponto que se torna relevante reconhecer como essa subversão do arquétipo heroico valoriza a construção de personagens mais humanos e realistas, trazendo maior profundidade à narrativa.

Tendo isso em vista, a análise de Xavier (2015), sobre o monomito em Jaime Lannister, por exemplo, contribui para essa discussão ao evidenciar como funciona o modelo heroico clássico diante das complexidades das narrativas contemporâneas. A autora argumenta que, embora o personagem percorra as etapas da Jornada do herói, sua trajetória revela uma transformação parcial, marcada por contradições e retornos a antigos vínculos, como sua lealdade contínua à família Lannister. A partir dessa perspectiva, a trajetória de Daenerys representa uma quebra significativa: ao invés de culminar em um retorno redentor, ela segue por um caminho instável, doloroso e com uma entrega cada vez maior à violência.

Em consequência de suas escolhas finais, que incluem a redução de *Porto Real* às cinzas e a promessa de um governo tirânico, a protagonista acaba sendo morta por Jon Snow minutos depois de ter tocado, pela primeira vez, o *Trono de Ferro* dentro do grande castelo (Fortaleza Vermelha) em ruínas (figura 9).

**Figura 9** – O Trono e o fim



**Fonte:** *Game of Thrones*, 2019, T8E06 (00:32:25)

## A subversão dos clichês épicos

Com sua personagem, George R. R. Martin, tensionou os limites do épico convencional ao inserir uma figura feminina marcada por força, ambição e contradição. Embora ambientada em um universo fantástico e repleto de elementos sobrenaturais, a trajetória de Daenerys reflete conflitos profundamente humanos: que transitam pela busca por pertencimento, o desejo de justiça e os efeitos corrosivos do poder. Por meio dela, a narrativa adquire densidade dos temas abordados, desafiando modelos consolidados da jornada heroica clássica.

Ao longo das temporadas de GoT e dos livros que compõem *As Crônicas de Gelo e Fogo*, a Targaryen percorreu etapas reconhecíveis do monomito. No entanto, a cada nova conquista, a personagem se distancia dessa idealização heroica que inicialmente a acompanhava. Ao libertar povos nas *Cidades Livres* e reivindicar o trono que julgava seu por direito de linhagem, ela acreditava estar cumprindo sua grande missão, mas seu percurso revela uma construção muito mais ambígua, marcada por glória e ruína, carisma e destruição.

Sob essa ótica, ao entrar em contato com diferentes mundos e culturas ao longo do continente de *Essos*, a Mãe dos Dragões se fortaleceu, mas também perdeu parte daquilo que a tornava sensível às dores do outro — deixando-se consumir, gradualmente, pela imagem da Rainha Dragão, em detrimento da jovem sonhadora que um dia desejou apenas ser livre e poder voltar para a *Casa da Porta Vermelha* em *Braavos*.

Esse processo de transformação é fundamental para compreendermos como a protagonista se apresenta como uma heroína subversiva, que desconstrói a lógica linear e otimista do clássico. Ao contrário do herói clássico, cuja trajetória tende a culminar em redenção e vitória, a narrativa da personagem se encerra em um paradoxo doloroso, no qual seu idealismo e seus métodos acabam gerando consequências trágicas. Essa ambivalência traz à tona questionamentos acerca do exercício do poder e da legitimidade das ações em nome de um suposto bem maior.

Além disso, a construção de Daenerys incorpora elementos contemporâneos que problematizam a figura do “salvador” ou “libertador” absoluto. Logo, essa icônica personagem, não é somente uma líder empoderada, mas também um ser vulnerável às pressões sociais e às dinâmicas de violência e controle. Tal complexidade favorece

uma leitura crítica do heroísmo, convidando o espectador e o leitor a refletirem sobre as múltiplas faces do poder e as consequências delas.

Diante disso, a jornada da Khaleesi evidencia como a subversão dos clichês épicos pode renovar às narrativas heroicas, tornando-as mais ricas e próximas das contradições humanas.

Afloradas tais questões, e, para além dos impactos narrativos, a personagem desempenha um papel crucial na ressignificação dos arquétipos femininos dentro do gênero épico, tradicionalmente dominado por figuras masculinas heroicas. Sua trajetória traz à tona uma protagonista feminina que ultrapassa estereótipos simplistas de heroína secundária ou coadjuvante. Ao assumir papéis de liderança, comando e decisão, Daenerys desafia as convenções históricas que restringiam mulheres a funções passivas, abrindo caminho para a construção de heroínas multifacetadas, cinzas e poderosas.

Por fim, a personagem contribui, ainda, para ampliar o espectro do heroísmo feminino, a demonstrar que a força e a vulnerabilidade podem coexistir e que o protagonismo feminino no épico pode ser igualmente carregado de contradições e profundas transformações pessoais.

Em adendo, o arco da Rainha Dragão representa, assim, uma releitura necessária para o tempo presente, em que heróis e heroínas são, antes de tudo, sujeitos inseridos em contextos históricos, culturais e sociais repletos de tensões e ambiguidade moral. Assim posto, a trajetória de Daenerys Targaryen reafirma o potencial da ficção para questionar paradigmas e abrir espaço para perspectivas mais críticas e amplas acerca de gênero, poder, justiça e identidade, especialmente, a deslocar o discurso estético das narrativas épicas na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Carol. Martin fala sobre Daenerys ser uma "salvadora branca" de escravos. **Gelo e Fogo**, 18 jun. 2013. Disponível em: <https://www.geloefogo.com/2013/06/martin-fala-sobre-daenerys-ser-uma-salvadora-branca-de-escravos.html>. Acesso em: 25 mai. 2025.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. 1. Ed. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2007.
- COGMAN, Bryan. **Inside HBO's Game of thrones**. San Francisco: Chronicle Books, 2012. Disponível em: <https://archive.org/details/insidehbosgameof0000cogm/page/156/mode/2up>. Acesso em: 2 mai. 2025.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Universidade Aberta Brasil-UAB, Editora da UFRGS, 2009.
- MARTIN, George Raymond Richard. Prefácio. In: COGMAN, Bryan. **Por dentro da série da HBO Game of thrones**. São Paulo: Leya, 2013.
- \_\_\_\_\_, George Raymond Richard. **A guerra dos tronos**. Tradução de Jorge Candeias. 4. ed. Rio de Janeiro: LeYa, 2015. 592 p. (As Crônicas de Gelo e Fogo, v. 1). Título original: A Game of Thrones.
- \_\_\_\_\_, George Raymond Richard. **A fúria dos reis**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: LeYa, 2015. 656 p. (As Crônicas de Gelo e Fogo, v. 2). Título original: A Clash of Kings.
- \_\_\_\_\_, George Raymond Richard. **A tormenta de espadas**. Tradução de Jorge Candeias. Rio de Janeiro: LeYa, 2015. 848 p. (As Crônicas de Gelo e Fogo, v. 3). Título original: A Storm of Swords.
- \_\_\_\_\_, George Raymond Richard. **O festim dos corvos**. Tradução de Jorge Candeias. 4. ed. Rio de Janeiro: LeYa, 2015. (As Crônicas de Gelo e Fogo, v. 4). Título original: A Feast for Crows.
- \_\_\_\_\_, George Raymond Richard. **A dança dos dragões**. Tradução de Márcia Blasques. 1. ed. Rio de Janeiro: Suma, 2020. (As Crônicas de Gelo e Fogo, v. 5). Título original: A Dance with Dragons.
- MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey**. Boulder: Shambhala, 1990.

MATTOS, Cristine Fickelscherer. Narrativa seriada e comunicação: meios, modos e tempos. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 268-280, set.-dez. 2018. Disponível em:

[<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre>]

(<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre>). Acesso em 24 mai. 2025.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da Epopéia Brasileira**: teoria, crítica e percurso. Vol -1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SOUSA, Simone Elizabeth de. O fluxo de consciência em *Mrs. Dallaway*, de Virginia Woolf. **Revista de Estudos Linguísticos**, Patos de Minas: UNIPAM, v. 1, n. 1, p. 146-150, 2008.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VECCHIOLLA, Laura. **A heroína e a jornada do herói**. In: WOOD, Mara; LANGLEY, Travis (ed.). *A psicologia da Mulher-Maravilha: descubra as virtudes da maior super-heroína que conhecemos e por que ela deve ser a grande inspiração para toda a humanidade*. 1 ed. São Paulo: Única, 2018

XAVIER, Kellen do Carmo. **Jaime Lannister e o monomito em Game of Thrones**. 1. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/122674>. Acesso em: 22 jan. 2024.

## FILMOGRAFIA:

GAME OF THRONES, criada e produzida por D. B. Weiss e David Benioff. Estados Unidos: HBO, 2011–2019. 73 episódios (4.310 min / aproximadamente 73 horas).